

Publicação Mensal - Ano LXIII - Nº 071 - Julho - 1998 - P. 100

# R e v i s t a ADVENTISTA

JULHO - 1998

Encontro  
na Praça  
Pública

Ó Jerusalém !

Dizer Não  
Com  
Dignidade



## *Sereis abençoados quando...*

- Sereis abençoados quando não tiverdes mais solução. Com menos de vós mesmos, há mais de Deus e da Sua orientação.
- Sereis abençoados quando sentirdes que perdestes o que mais amais. Só então podereis ser amparados por Aquele que vos é mais querido.
- Sereis abençoados quando estiverdes satisfeitos com o que sois, nem mais nem menos. Este é o instante em que vos descobrireis como proprietários orgulhosos daquilo que não tem preço.
- Sereis abençoados quando os vossos esforços vos abrirem o apetite por Deus. Ele é comida e bebida na melhor refeição que alguma vez podereis ter.
- Sereis abençoados quando cuidardes dos outros. No momento em que vos virdes cheios de preocupações, descobrireis que alguém cuida de vós.
- Sereis abençoados quando puserdes o vosso mundo interior – a vossa mente, o vosso coração – em ordem. E então podereis ver Deus no mundo exterior.
- Sereis abençoados quando conseguirdes mostrar às pessoas como cooperar em vez de competir ou lutar. É então que descobrireis quem realmente sois e o vosso lugar na família de Deus.
- Sereis abençoados quando o vosso compromisso com Deus provoca perseguição. Esta conduz-vos cada vez mais para dentro do reino de Deus.
- Não só isso – mas considerem-se abençoados cada vez que as pessoas vos rebaixarem, ou vos expulsarem, ou disserem mentiras a vosso respeito para Me desacreditar. Isso significa que a verdade está perto de mais para confortar e eles estão desconfortáveis. Podem ficar contentes quando isso acontece – gritem de alegria! – porque mesmo que eles não gostem disso, Eu gosto! E todo o Céu aplaude. E fiquem sabendo que estão em boa companhia. Os profetas e testemunhas sempre se envolveram neste tipo de problemas.

*Da versão do Novo Testamento "The Message"  
por Peterson*



## A Lenda Continua

Todos nós já ouvimos falar do pote de ouro no fim do arco-íris. Muitos partiram em busca do cobiçado pote; muitos não olharam a meios para conseguir lá chegar; muitos choraram e sofreram para o encontrar. Ainda hoje há quem sonhe com um pote de ouro...

Para nós cristãos, o arco-íris é o sinal do concerto entre Deus e a Terra. “E estará o arco nas nuvens, e Eu o verei, para Me lembrar do concerto eterno entre Deus e toda a alma vivente...” (Gén. 9:16).

Podem não acreditar, mas nós também fomos em busca de um pote de ouro. E sabem que o encontramos? O que pretendiam aqueles que procuravam o pote de ouro? Riqueza? Fama? Uma casa? Um carro topo de gama? Um curso? Um bom emprego?... Achamos que tudo se pode reunir numa só palavra – felicidade. Na nossa busca achámos um bem muito mais precioso que o ouro, e que também nos traz felicidade – a amizade!

O grupo “Arco-íris” quer testemunhar convosco a amizade que tem surgido entre nós ao cantarmos para Deus. Ao contrário daqueles que buscavam o ouro, nós procuramos a amizade e fundamentamo-la em Jesus. Firmamos a nossa jornada na palavra viva e juntas preparamos o caminho para a salvação eterna. Esse é o nosso fim! Queres também juntar-te na nossa jornada rumo ao fim do Arco-íris?



Grupo Vocal “Arco-Íris”  
Igreja Adventista de Avintes  
Rua das Agradas 133 - 4430 Avintes  
Flávia ou Adriana: 02 7840564

# Revista ADVENTISTA

## ÍNDICE

### 5 O Perigo dos Preconceitos

*A arma que devia ser utilizada para neutralizar o preconceito devia ser a arma do puro e genuíno amor que não responde ao mal com o mal.*

### 6 Encontro na Praça Pública

*“O que estiver livre de faltas, atire a primeira pedra.”*

### 16 Seguindo o Plano Divino

*Contudo, não era intenção do nosso Criador que andássemos por aí ao acaso...*

### 22 Ó Jerusalém!

*...Jesus emocionou-se até às lágrimas – lágrimas provocadas por uma profunda angústia.*

### 31 Aprenda a Escrever na Areia

*Que farias tu no seu lugar?*

**BUSINESS IS BIG**  
NEWBOLD COLLEGE, ENGLAND



**NEW BUSINESS DEGREE**  
BS in Business Administration  
(emphasis in Accounting or Management) through  
Columbia Union College, USA

**STARTS SEPTEMBER 1998**  
Terms: 21 September - 3rd December 1998  
4 January - 12 March 1999  
6 April - 18 June 1999  
27 September - 9 December 1999  
You can start the degree at the beginning of any term

Apply Today: Write: Admissions Office, Newbold College, Bracknell,  
Berkshire, RG42 4AN, England • e-mail: admissions@newbold.co.uk  
• Tel: +44 1344 454607 • Fax: +44 1344 861692

O **Newbold College** oferece  
um curso  
intensivo de  
**Gestão**, com  
a duração de  
um ano.

# Revista ADVENTISTA

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista (ISSN 0873-9005), Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora Atlântico, S.A.

**Director:** Mário Brito

**Coordenador Editorial:** Eduardo Graça

**Chefe de Redacção:** Maria Augusta Lopes

**Colaboradores de Redacção:** Ernesto Ferreira, Ezequiel Quintino e Maria Antónia Fonseca Santos

**Programação Visual:** Eunice Ferreira

**Diagramação:** Raquel Monteiro

**Ilustradoras:** Eunice Ferreira, Marra Rodrigues, Sara Raposo e Ruth Varela

**Colaboradores Especiais:** José C. Costa, José Eduardo Teixeira, Paulo Mendes, Rogério Nóbrega

São bem-vindos todos os manuscritos mesmo os não solicitados e cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso.

E-mail: Internet: paratlantico@mail.telepac.pt, Compuserve 74532,2443.

## PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

Sede: R. N.º 5.ª da Piedade

Sabugo - 2715 Almagem do Bispo

Tel (01) 9626200 - Fax (01) 9626201

Conselho de Administração:

Mário Brito, José Eduardo Teixeira e Paulo Mendes

Director: Joaquim Sabino

## Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Maria Rosa Silva Santos

R. N.º 5.ª da Piedade

Sabugo - 2715 Almagem do Bispo

Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202

Expedição e Armazém:

R. N.º 5.ª da Piedade

Sabugo - 2715 Almagem do Bispo

Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202

Fotolito: Departamento Criativo da Publicadora Atlântico

Impressão e Acabamento: Santos & Costa, Lda

Pedreiras - 2480 Porto de Mós

Tiragem: 2.000 exemplares

Depósito Legal N.º 1834/83

Preços:

Assinatura Anual 1 600\$00

Número Avulso 160\$00

ANO LVIII — N.º 614

JULHO 1998



IGREJA  
ADVENTISTA  
DO  
SÉTIMO DIA



OPERAÇÃO INTERCESSÃO  
- 3º TRIMESTRE 1998

1. Missão Global
2. Trabalho na União Franco-Belga  
População: 68.743.000  
Igrejas: 139  
Membros: 11.028
3. Pela Universidade Adventista do Salève

## DIAS E OFERTAS ESPECIAIS DO MÊS DE AGOSTO

Evangelização de novos territórios 1

## ACTIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE JOVENS EM AGOSTO

— Projecto Humanitário de Angola - 2ª Equipa	02-27
— Acampamento de Desbravadores	09-19
— Evangelização 2000 em Guimarães	12-23

## "A FÉ DOS HOMENS"

RTP2 18:00 – Programas da Igreja Adventista: dias 6 e 20 de Julho

## Errata

*Por um lamentável lapso de transmissão de dados, (a técnica por vezes faz-nos destas partidas) um dos testemunhos publicados no passado mês de Maio da nossa Revista, saiu incompleto. Por alguma razão, os dois primeiros parágrafos não chegaram à nossa redacção.*

*Porém não queremos, nem podemos, deixar o texto em questão sem toda a força que possui. Por isso pedimos aos leitores da Revista Adventista que ao lerem o testemunho que tem como título "Vós sois o sal da Terra" tenham em atenção que ele começa com os dois parágrafos que a seguir publicamos.*

*Desta nossa falta, involuntária, pedimos desculpa aos nossos leitores, à autora de texto e a toda a família da irmã Júlia Mendes.*

## A Redacção

"Do silêncio mais fundo da memória crescem palavras como água clara e o tempo, de repente, é uma manhã de rosas que se abre escancarada para o jardim. Estamos todos lá e as nossas vozes, correndo à solta pelos sons da infância, não chegam para abafar a voz da Mãe, quando serena e quase silenciosa, ela nos diz: "Filhos!"

Uma palavra só, tentacular e mansa, e é a vida toda, alisada e fresquinha como a roupa lavada e mesmo acabadinha de passar, saindo-lhe das mãos, imaculada."

E é assim..."

# O Perigo dos Preconceitos

No seu livro “Boire aux Sources” (Beber nas Fontes) Jacques B. Doukhan, professor universitário adventista oriundo de uma família judia, usa a figura de cão Balak dos contos de Samuel Joseph Agnon, eminente escritor judeu do nosso século, para ilustrar a dramática realidade dos preconceitos.

Balak era um cão feliz e pacificamente deambulava pelas ruas de Jerusalém até que um dia um pintor decidiu escrever nas suas costas as palavras “cão maluco”. A partir de então o pobre animal deixou de ter descanso. Por todo o lado aonde passava era perseguido, apedrejado e escorraçado. Toda esta desgraça sobre ele se abateu só porque alguém, por maldade ou por brincadeira de mau gosto, lhe tinha inscrito nas costas um epíteto que não correspondia à realidade.

O preconceito, seja de que natureza for, é sempre irracional, quase sempre apoiado em informações incorrectas e tendenciosas que criam um espírito de suspeição e intollerância. Preconceito gera preconceito. Qual erva daninha, vai sempre aprofundando e espalhando as suas raízes, sufocando e destruindo todo o alento para uma relação cordial e amistosa entre os homens. Por outras palavras, aqueles que sem razão são alvo do preconceito reagem e passam também a ver os seus detractores sob a pior das perspectivas.

Hutus e tutsis no Ruanda, muçulmanos e cristãos no Líbano, hindus e muçulmanos da Índia, sérvios e croatas na ex-Jugoslávia, católicos e protestantes na Irlanda do Norte, chiitas e sunitas em alguns países islâmicos, são apenas alguns dos muitos e muitos casos contemporâneos em que o preconceito - étnico, social, religioso ou outro - leva os homens às mais brutais e impensáveis formas de comportamento.

Ao estudar a História da humanidade constatamos que desde as mais remotas eras o veneno do precon-

ceito dividiu e infectou as relações entre os indivíduos e os povos.

Quando junto ao poço de Jacob, em Sicar, Jesus se dirigiu à mulher samaritana pedindo-lhe água, mais não estava a fazer do que a tentar, consciente e amavelmente, ultrapassar a barreira secular de preconceitos existentes entre judeus e samaritanos. A arma que devia ser utilizada para neutralizar o preconceito devia ser a arma do puro e genuíno amor que não responde ao mal com o mal. “*Amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos maltratam e vos*

*persequem*” (Mat.5:44) é a fórmula mais eficaz para diluir e desarticular todas as ideias negativas que os outros possam ter a nossa respeito.

Da mesma maneira que os preconceitos geram preconceitos criando um fosso cada vez maior entre as partes envolvidas, o amor desperta amor estabelecendo elos de compreensão e boa vontade que aproximam cada vez mais aqueles que se envolvem nessa relação.

Até que ponto estamos dispostos a ir ao encontro daqueles que se encontram afastados de nós por motivos da mais diversa ordem?

Que o Senhor nos ajude a ter o mesmo espírito que houve em Cristo que, sendo Deus, despojou-Se da Sua divindade e veio até nós procurando restabelecer a relação que há muito se encontrava afectada devido ao problema do pecado. ■



Pr. Mário Brito  
Presidente da União  
Portuguesa dos  
Adventistas do  
Sétimo Dia

Mário Brito

# Encontro na Praça Pública



**ROBERTO BADENAS**

*Julgando a mulher, os fariseus colocavam-se numa situação de superioridade moral sobre ela. Mas como não tinham autoridade para a acusar, nem em nome da Lei, nem da virtude pessoal, davam oportunidade a que Jesus transferisse a questão do plano jurídico para o moral, no qual podia, com relativa facilidade, apanhá-los em falta e surpreendê-los, sem necessidade de se envolver juridicamente.*

**E**ncolhida sobre as pedras do pavimento, ofegante como um animal encurralado, meio despida, a mulher tremia, de medo, ou talvez de frio e de vergonha. À sua volta via cerrar-se o grupo dos que a tinham arrastado até à praça do Templo. Um círculo de dedos acusadores, de cotoveladas cúmplices e de risadas cruéis.

Porque é que a tinham arrancado da cama e levado até ali? Porquê esta traição repentina daqueles que se chamavam seus amigos? E porque traziam consigo pedras?

Revolviam-se-lhe na memória, como bochechos amargos, as recordações da sua vida estragada. O remorso das suas infidelidades. O nojo de ter-se entregado aos caprichos de quem não a amava. A raiva de se sentir usada por aqueles que diziam amá-la. A ferida aberta de tantas humilhações. O repetido fracasso nas suas tentativas de fugir daquele inferno.

Ninguém tinha acreditado nas suas nostalgias de pureza. Ninguém lhe tinha dado uma oportunidade. Todos juntos tinham acabado por afundá-la naquele lodaçal onde se debatia sozinha sem poder de lá sair...

Na incerteza daquele momento, toda a sua vida desfilou vertiginosamente no seu espírito, como um pesadelo. Tudo tinha começado com aquela louca rebeldia da sua juventude, quando caiu na armadilha de acreditar na viabilidade de todos os seus sonhos. Na sua ignorância tinha sucumbido, como tantos jovens, à eterna e banal atracção do proibido. Tinha procurado na intensidade do prazer novas sensações, que a libertassem da insatisfação da sua vida. Novas emoções, novos encontros que preenchessem o seu vazio interior. Nisso se iludia: ninguém, nada, nunca, lhe haviam dado a felicidade tão desejada...

Uma voz disfarçada de santidade ofendida acusava-a agora, quase aos gritos, para que todos ouvissem:

— *Esta mulher acaba de ser surpreendida no próprio acto de adultério. Moisés, na Lei, manda-nos apedrejá-las. Tu que dizes a isto?* (S. João 8:4,5. Assim o estipula entre outras passagens, Lev. 20:10).

As palavras feriram-na como chicotadas que a faziam estremecer.

Apedrejada! (Entre os delitos que podiam ser castigados com a lapidação contavam-se a blasfémia e o adultério: Lev. 24:14; Deut. 17:2-5; II Crón. 24:20-22; Sanhedrin 7,1,4). Iria terminar assim a grotesca ironia da sua vida? Tinha procurado a liberdade, e apenas encontrara a escravidão. Tinha sentido necessidade de amor, e

apenas tinha conseguido sexo. Tinha querido amigos e só lhe apareceram cúmplices ou verdugos. Tinha desejado sobretudo felicidade, e nada mais conseguira do que apressar a sua destruição. Era este o balanço que fazia do seu fracasso. Se fosse possível apagar o passado e acabar de vez com aquela vida, ou simplesmente com a vida!

Foi então que descobriu diante de Quem a acusavam. Era um jovem Mestre, que várias vezes ouvira falar, escondida entre a multidão. Um homem diferente de todos, que pregava o amor e o perdão. Chamavam-Lhe Jesus de Nazaré. Espreitando por entre os cabelos, a mulher constatou que, no meio daquela matilha de olhares à espreita, Ele não olhava para ela. Há momentos em que a maior prova de respeito para com um ser humano, consiste em não olhar para ele. Por trás daqueles olhos dirigidos para o chão escondia-se para ela, todo o respeito do mundo. Os sinais que escrevia no pó pareceram-lhe um admirável pretexto para não a fixar.

Então porque se mantinha em silêncio? Ter-se-ia dado conta das intenções do conluio? Porque, evidentemente, o que levava aqueles homens a processar a mulher, não era o sentido da moral, nem o respeito pela Lei. A acusada era um engodo para caçar o juiz.

O ódio dos seus adversários disfarçava-se de lisonja, para atingir os seus fins e garantir uma melhor vingança.

*Deste modo inesperado, sem se opor à Lei, sem se envolver em nenhuma polémica jurídica, com algumas palavras escritas na areia, Jesus conseguiu deter a maldade daqueles homens e salvar a vida de uma mulher*

Já que o novo Mestre se arvorava em advogado dos pecadores, obrigavam-n'Os agora a pronunciar-se como juiz, para ver até onde era capaz de ir num caso como este, que para eles era tão delituoso, como manifesto. Tratava-se, antes de tudo, de pô-l'O em contradição com a lei de Moisés, o seu irrefutável código de referência.

Se o jovem Pregador mantivesse, como era de esperar, a sua tese de compreensão e misericórdia, ser-lhes-ia fácil desmascarar publicamente o aspecto subversivo da sua posição. Negando-se a apoiar o castigo regulamentar, o seu repúdio dos cânones sagrados seria tão flagrante que, com toda a facilidade, declarando-O sacrílego e ímpio poderiam levantar contra Ele, não só as autoridades religiosas como também a opinião pública.

Se, por alguma razão improvável, consentisse na aplicação da pena estabelecida, o resultado seria ainda pior. Colocar-se-ia em contradição evidente com os seus próprios ensinamentos sobre a compreensão e o perdão. Assim, não só a sua pregação perderia toda a credibilidade, mas além disso, seria também denunciado diante do Sinédrio e das autoridades romanas, por se atrever a pronunciar uma sentença de morte sem estar legalmente autorizado a fazê-lo. Os acusadores iam preparados para executar imediatamente a condenação e apanhá-l'O sem escapatória possível.

A armadilha estava bem feita. Jesus teria de pensar bem nas suas alternativas.

Negando-se a pronunciar-se, seria acusado de cobardia ou incoerência. Se, pelo contrário, entrasse em conflito jurídico, com os seus oponentes, e conseguisse contrariá-los as intenções, podia fazer recair sobre eles o mesmo mal que Lhe queriam fazer, denunciando-os, por sua vez, por ilegalidade. Segundo o código penal vigente, havia duas irregularidades flagrantes a seu favor: Primeira, que só o marido enganado tinha o direito legal de denunciar a

*Revolviam-se-lhe na memória, como bochechos amargos, as recordações da sua vida estragada. Os remorsos das suas infidelidades. O nojo por ter-se entregado aos caprichos de quem não a amava. A raiva por se sentir usada por aqueles que diziam amá-la. A ferida aberta de tantas humilhações. O repetido fracasso nas suas tentativas de fugir daquele inferno.*

infidelidade da sua mulher. Segunda, a lei exigia que tanto a adúltera como o seu amante fossem apedrejados juntos. Ambas as razões ter-lhe-iam bastado para desmascarar a venalidade e incompetência dos acusadores, colocando-os assim, numa situação fortemente embaraçosa.

Jesus, porém, preferiu renunciar a esse êxito fácil. Deslocando o assunto para outro nível, escolheu uma opção melhor: em vez de defender uma ideia, defenderia uma pessoa.

Julgando a mulher, os fariseus colocavam-se numa situação de superioridade moral sobre ela. Mas, como não tinham autoridade para a acusar, nem em nome da Lei, nem da virtude pessoal, davam oportunidade a que Jesus transferisse a questão do plano jurídico para o moral, no qual podia, com relativa facilidade, surpreendê-los sem necessidade de se envolver juridicamente.

A Lei prescrevia que, num apedrejamento, as testemunhas do caso fossem as primeiras pessoas a aplicar a sentença, seguindo-se os restantes voluntários, na condição de que sobre eles não recaísse nenhuma suspeita de cumplicidade, nem de terem cometido, em qualquer momento, o mesmo tipo de delito que se queria castigar (Deut. 17:7). Assim, dirigindo-se resolutamente aos mais exaltados, disse-lhes:

*“O que estiver livre de faltas, atire a primeira pedra.”*  
(João 8:7).

E, tornando a baixar-se, continuou a escrever no solo.

Um silêncio embaraçador estendeu-se a todo o grupo. A mulher, que por instantes se tinha encolhido, esperando a primeira pancada, descontraía-se agora, como resignada à sua sorte, desejando acabar quanto antes com a sua tortura. A tensão continuava a aumentar. Irritados com o mutismo de Jesus, alguns aproximaram-se para ver o que escrevia. E o que viram foi suficiente para os obrigar a largar as pedras. Tremendo, uns de raiva e de vergonha pelo que Ele tinha escrito, outros de medo pelo que ainda

poderia escrever, todos se apressaram a desaparecer, deixando sós, a acusada e o seu Juiz.

Deste modo inesperado, sem se opor à autoridade da Lei, sem se envolver em nenhuma polémica jurídica, com algumas simples palavras escritas na areia, Jesus conseguiu deter a maldade daqueles homens e salvar a vida de uma mulher.

Quando finalmente se endireitou, ela fixava-O assombrada, sem saber o que esperar. Ele estendeu-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se, e disse-lhe, quase a sorrir:

“Onde estão os que te acusavam? Nenhum te condenou?” (João 8:10)

Ela olhou em volta deslumbrada pela luz matinal. Vendo apenas as pedras sobre o mármore, numa praça vazia, mal acreditando nos seus olhos, respondeu:

“Nenhum, Senhor.” (João 8:11)

Então Jesus disse-lhe as palavras mais surpreendentes que ouvira em toda a sua vida:

“Vai e não peques mais. Eu também não te condeno.” (João 8:11)

Acostumada a ser tratada pelos homens apenas como mulher-objecto desprezada depois de usada, e habituada à maldade e aos ciúmes das outras mulheres, o “Vai” soava-lhe como uma expressão bem familiar.

O “Não peques mais”, também o ouvira centenas de vezes, e das mais diversas maneiras, desde as contínuas reprovações da sua família, até aos furibundos sermões dos sacerdotes. Mas “Eu não te condeno”, isso ninguém antes lho dissera. E também nunca alguém lhe tinha falado naquele tom.

Pela primeira vez se encontrava diante de Alguém que não a julgava, nem a cobiçava, nem a humilhava. Que se compadecia dos seus erros, compreendia a sua luta, acreditava no seu arrependimento e a ajudava a aceitar o Seu perdão.

A voz daquele Homem ressoava aos seus ouvidos como música celestial. Era um bálsamo para as suas feri-

das, como um convite à esperança, uma promessa de salvação. Naquele momento soube que começava para ela uma nova vida. Envolta no brilho de uma praça resplandecente de brancura, sentiu-se liberta, pura, em paz com Deus. Finalmente feliz.

A mulher afastou-se lentamente, sabendo que pouco

tempo depois voltaria e que nunca mais poderia separar-se de Quem lhe tinha devolvido, naquele singular encontro, a sua dignidade e a sua honra.

Assim, sabendo que todo o ser humano precisa de mais amor do que aquele que merece, pelo simples método da compreensão e do respeito absoluto, Jesus descobria tesouros ocultos, em cada coração, alguns tão desamparados como os nossos. ■

*Ela olhou em volta  
deslumbrada pela luz  
matinal. Vendo apenas as  
pedras sobre o mármore,  
numa praça vazia, mal  
acreditando nos seus  
olhos, respondeu:  
“Nenhum, Senhor.”  
(João 8:11)*



*Extraído do Livro  
“Encontros”*

*Editado pela Publicadora  
Atlântico*

*Roberto Badenas  
Dr. em Teologia*

# Dizer Não com Dignidade



*Quando a Comissão de Nomeações da Igreja chama, o que é que se deve fazer?*

A classe do Jardim de Infância subiu para a plataforma envergando a melhor roupa de Décimo Terceiro Sábado. Duas professoras tomaram o seu lugar nos bancos da frente, preparadas para soletrar as palavras dos hinos e das poesias que se iriam ouvir. Outra

professora ficou à frente, com as crianças, segurando o microfone para os solistas. “Em primeiro lugar,” começou ela, “cada aluno da nossa classe irá dizer de cor um dos versos áureos que aprendemos este trimestre.”

Uma a uma, as crianças de 4, 5 e 6 anos foram à frente. Com a professora a segurar o microfone, disseram, numa rapidez nervosa, as linhas aprendidas, apenas levantando a cabeça no fim, para darem um sorriso rápido à Mamã e ao Papá que se encontravam entre o mar de caras assustadoras à sua frente.

Depois chegou a vez do meu filho. Com confiança, ele deu um passo em frente, enfrentou a audiência e tirou o microfone da mão da professora. Estabelecendo contacto visual com o grupo à sua frente, disse apenas duas palavras: “Não consigo”. Devolveu o microfone à professora e retomou o seu lugar.

A

Mais tarde perguntei-lhe o que tinha acontecido. “Estava cheio de medo,” respondeu-me. “Não consegui dizer nada.”

Ao pensar no incidente, decidi que se conseguisse dizer não com a mesma confiança e compostura que o meu filho tivera naquela manhã, resolviam-se metade dos meus problemas.

Quando a altura das nomeações chegar, este ano, como é que conseguirá dizer não de cabeça erguida e voz firme? Será certo recusar um compromisso quando ele é pedido através dos canais da igreja?

Consultando as Escrituras e os erros e sucessos do passado, cheguei a conclusões que me permitiram fazer algumas sugestões para as alturas em que somos confrontados, num Domingo à noite, com telefonemas inesperados:

### **1. Não tome decisões instantâneas.**

Todos nós temos respostas padrão que nos vêm à boca com a mesma facilidade de um sorriso perante uma graça bem contada. Dependendo do nosso temperamento, alguns de nós vêm-se a recusar qualquer proposta. Mas há quem se comprometa *demasiado*, arrependendo-se mais tarde quando se dá conta da realidade. Em qualquer dos casos, quatro palavrinhas apenas poderão fazer grande diferença. Sendo uma daquelas pessoas que dizem sim e pensam depois, tenho estado a ensaiar diligentemente a frase desde que foi proposto à Igreja que indicasse a Comissão Preparatória para nomear a Comissão de Nomeações.

*“Deixe-me pensar no assunto”.*

Em vez de passar frenética e mentalmente em revista a minha agenda e de tentar pesar os prós e contras enquanto o hambúrguer de soja salta na frigideira, o Jeffrey entra na cozinha com um joelho a sangrar e o Eric

puxa o fio do telefone, pedindo que o ajude a encontrar uma pedra que lhe falta na sua querida colecção, estou a aprender a ganhar algum tempo para mim mesma, dando a alguns momentos de sanidade mental e ao Espírito Santo a oportunidade para influenciar a minha decisão.

### **2. Não deixe que as dúvidas sobre as suas capacidades interfiram nos planos de Deus.**

O meu marido contou-me que, quando tinha 3 anos de idade, amarrou a ponta de uma corda ao pára-choques traseiro do Buick de 1955 e a outra ponta ao seu triciclo com plena confiança de que poderia pedalar acompanhando a velocidade do transporte familiar. Muita água já passou debaixo da ponte desde essa altura. Se um dos nossos filhos tentasse fazê-lo com o nosso Toyota de 1986, o seu pai seria o primeiro a dizer-lhe que a ideia teria o mesmo sucesso que a tentativa de inscrever a sua mãe no concurso de piano interdistrital.

Em criança, os nossos sonhos e objectivos não conhecem limites. É através da tentativa e do erro que nos tornamos o que somos hoje. Com o passar dos anos, estabelecemos limites. Decidimos: “Posso fazer isto;” “não posso fazer aquilo”.

Quando chegamos à idade adulta já sabemos com que contar. Perguntem-me quais são as minhas capacidades. Dir-vos-ei que fico intimidada só de pensar que tenho de mudar o papel da fotocopiadora, mas que posso encher resmas de papel com os meus próprios pensamentos. Não consigo tratar da logística necessária à apresentação de um *spotlight* das Missões – mexer em botões, focalizar as

*Mas há quem se comprometa demasiado, arrependendo-se mais tarde quando se dá conta da realidade.*

imagens projectadas, e coordenar as páginas correspondentes – mas não tenho receio de enfrentar uma audiência tendo apenas como base as minhas anotações para as partilhar de todo o coração.

Embora seja bom sabermos quem somos, algures no processo, também é importante deixar um espaço para os milagres do poder de Deus que nos oferecem um potencial sem paralelo até mesmo nos nossos sonhos.

Correndo um risco, talvez possamos descobrir que aquilo que pensávamos ser, era apenas um reflexo das nossas próprias dúvidas e limitações estabelecidas. Moisés, o pastor, perguntou um dia a Deus: “*Quem sou eu, para me apresentar diante do Faraó e tirar do Egipto os filhos de Israel?*” (Êxo. 3:11 BBN). Olhando para si

próprio, apenas podia ver as suas limitações. Quando se submeteu aos planos de Deus, encontrou-se a ter um impacto em tempos e espaços que a sua mente humana teria rotulado como impossíveis.

Antes de dizer “não consigo fazer isto”, seria bom que nos perguntássemos: “Será que, pelo poder de Deus, esta é uma oportunidade para me tornar em alguém que nunca pensaria ser possível?”

### 3. Quando pensar em comprometer-se com alguma coisa, nunca se esqueça dos compromissos que isso irá exigir da sua família.

No livro *When Helping You Is Hurting Me: Escaping the Messiah Trap* (Quando, ao Ajudares-te a Ti Próprio Me Magoas a Mim: Escapando da Armadilha Messiânica) Carmen Berry fala da tendência que algumas pessoas têm de encher demasiado a sua agenda à custa do seu próprio

bem-estar. Levando esse pensamento um pouco mais além, penso que seria bom se nos perguntássemos se estaremos a sacrificar o bem-estar da nossa *família* quando aceitamos um novo compromisso.

É demasiado fácil justificar os sacrifícios que pedimos às nossas famílias para fazer, com a ideia de que estamos a ajudar a avançar “a obra do Senhor”. Antes de decidir se deve ou não aceitar um novo cargo, seria apropriado fazer a si próprio algumas perguntas do género: Se eu fizer parte do coro, será que isso significa que, durante uma hora, os meus filhos vão andar pela igreja, sem alguém que tome conta deles, enquanto eu ensaio às Sextas-feiras à noite? O eu me tornar a coordenadora das actividades leigas significa que o meu marido não-Adventista vai jantar sozinho todas as semanas depois das actividades da igreja? Será que as exigências sobre o meu tempo me vão tirar a

pouca energia que o meu trabalho e outros compromissos me deixam para me dedicar aos meus entes mais queridos?

Durante cinco anos fui uma esposa de pastor sem filhos. Nesse tempo fui, com entusiasmo, a todas as reuniões de oração, actividades sociais, retiros espirituais e outras actividades das duas igrejas do nosso distrito. A minha agenda estava livre, era a altura certa para mim.

Dez anos mais tarde encontrava-me a escrever no meu computador enquanto os meus dois rapazes dormem no andar de cima e o meu marido lidera a reunião de oração na igreja, a menos de 600 m de nossa casa. Não me sinto culpada por não estar entre aqueles que se juntam para abrir a Palavra de Deus numa Quarta-feira à noite. As minhas prioridades são claras para mim, e não há nada escrito que venha alterar as minhas decisões no que respeita aos dois rapazinhos que me chamam mãe. É interessante ver que os membros da minha igreja não me censuram. Pelo contrário, respeitam-me por isso.



#### 4. Não deixe que outros assuntos interfiram quando tomar uma decisão justa.

É importante que, quando lhe pedirem alguma coisa, a analise por aquilo que ela é, e não deixe assuntos periféricos impedir que tome a decisão certa. Já vi membros recusar um cargo na igreja apenas com o intuito de marcar uma posição, e mais tarde vir a solicitar a nomeação. Se vai dizer que não, apenas para chocar os santos ou para provar como é indispensável, talvez seja altura de sondar o seu próprio coração.

Por outro lado, se vai dizer que sim na esperança de ganhar prestígio ou poder, os seus motivos também não são muito melhores.

Ambas estão baseadas em assuntos externos e periféricos que nada têm a ver com a realidade do compromisso propriamente dito.

Outros assuntos externos também podem interferir com uma tomada de decisão justa. Nunca me esquecerei de uma altura em que me pediram para fotografar um casamento. Como não sou forte do ponto de vista técnico no que respeita à iluminação, tenho sempre restringido as minhas capacidades fotográficas ao exterior, onde o sol me proporciona a luz ideal.

Mas o pedido atraiu-me. Lisonjeava o meu desejo de *status* entre aqueles que captavam o momento em expressões pungentes que suplantavam as meras palavras. E a promessa de alguns dólares era tentadora para alguém cujo dinheiro extra só dava para comprar alguns selos por semana.

Convenci-me de que, se estudasse bem o manual que vinha com o *flash*, me sairia bem e aceitei a proposta. Seis anos depois, a única coisa que posso fazer é pedir descul-

pas públicas àqueles que apenas têm o seu dia especial registado em réplicas pálidas e sombrias daquilo que foi um casamento.

A Bíblia diz: “*Acima de tudo, adquiere sabedoria e conhecimento*” (Prov. 4:7 BBN). Quando tiver de enfrentar algum compromisso, estas são as duas qualidades mais importantes.

#### 5. Ore, Ore, Ore

Acima de tudo, a coisa mais importante que qualquer pessoa pode fazer quando lhe pedirem para investir tempo e energia, é apresentar o caso ao Senhor em oração. Levar

o assunto aos pés de um Deus de amor ajuda-nos a ver as coisas com clareza, alivia-nos dos problemas periféricos e prepara-nos para decidir o que é melhor para nós, para a nossa família e para a nossa igreja.

Pediram-lhe, então, para dirigir um grupo de Desbravadores cheios de energia e sempre prontos para actividades?

Dê a si próprio tempo para pensar na decisão a tomar, ponha as suas dúvidas de lado, pese as necessidades da sua família, esclareça todos os assuntos periféricos, e leve o assunto

ao Senhor em oração. Depois, se ficar convencido de que isso é o que o Senhor quer que faça, aceite o desafio com confiança. Se não, reúna toda a coragem de um rapazinho a pegar num microfone frente a uma audiência de adultos, enfrente o público e diga simplesmente: “Não consigo”. ■

*A Bíblia diz:*  
*“Acima de tudo,*  
*adquiere sabedoria e*  
*conhecimento.”*  
*Prov. 4:7*

# Assembleia Espiritual

## Tomar 30 de Maio de 1998

“Espero levar para a minha Igreja um espírito de reavivamento.”

*Joaquim Alves - Igreja de Espinho*

“Penso ser importante para fomentar uma maior aproximação entre os crentes.”

*Arnaldo Borges - Pastor reformado*

“Espero conforto espiritual e sentir o calor humano entre os crentes”

*João Charneca - Igreja de Sintra*

“Espero um conforto espiritual e um reavivamento interior muito grande.”

*Loevigilda Faustino - Igreja de Portimão*

“Espero levar paz. Encher o coração com a alegria de que já somos muitos, mas principalmente aumentar a espiritualidade, rever amigos em Cristo, encontrar conforto e alegria. Levar para a minha Igreja a harmonia encontrada.”

*Lígia Lobato Ribeiro - Igreja de Tavira*

“Espero bênçãos de Deus e a plenitude do Espírito Santo.”

*José Esteves - Igreja de Portimão*

Foi com estas expectativas, colhidas ao acaso, que cerca de 2.500 crentes se deslocaram a Tomar para participarem na Assembleia Espiritual que ali teve lugar.

O Pastor Eduardo Teixeira disse à Revista Adventista no início do programa, que havia dois pontos principais que desejava ver concretizados:

1. Que esta Assembleia fosse o ponto de partida para uma renovação espiritual entre o nosso povo, e
2. Que o convívio entre os irmãos fosse um reviver dos encontros entre o antigo povo de Israel.

E foi com estes sentimentos que os participantes partilharam da bênção da Escola Sabatina e depois do culto de louvor e adoração que esteve a cargo do Presidente da União, Pastor Mário Brito, que recordando as antigas festas anuais do povo de Israel, nos levou a constatar que se algumas dessas festas, a páscoa e as primícias, já encontraram o seu cumprimento, na pessoa e ministério de Jesus através da Sua morte e ressurreição, de que eram símbolo, estamos neste momento a viver uma das mais solenes dessas festas, o Dia das Expições, que nos recorda que vivemos em tempos de grande solenidade e preparação, tendo em vista e realização da grande festa que se lhe seguia. Festa de grande alegria e gratidão onde o povo recordava a sua peregrinação pelo deserto – a festa dos Tabernáculos.

E essa é a grande festa que nos aguarda. Festa em que poderemos finalmente recordar o tempo da nossa própria peregrinação, mas agora na plenitude da alegria da salvação em Jesus.

É tempo de aguardar com alegria sempre renovada, a certeza da Salvação e da brevidade do tempo que nos separa desse grande Dia. Não com temor, nem com a ansiedade, mas com a alegria de quem espera a consumação das suas mais acariciadas esperanças e certezas em Cristo.

“É a bem-aventurada esperança” para a qual tantos homens de Deus do passado olharam, e que está bem à nossa frente, concretizando as promessas e os anseios de um Deus que tanto nos amou que deu o Seu amado Filho para nos ter a Seu lado para a eternidade.

Que cada dia seja uma preparação confiante no amor de Deus, sem receios nem desânimos, porque a nossa “redenção está próxima”.

Depois foi a tarde na qual ouvimos falar da obra de assistência aos nossos irmãos mais idosos, das nossas escolas, do trabalho em Pombal e as vozes de alguns jovens que participaram numa programa que pena foi ser assaz longo e que por isso mesmo terminou já depois de muitos irmãos terem partido, porque a distância a percorrer era grande.

Esperamos que no próximo ano outra Assembleia mantenha ao longo de todo o dia, o alto nível espiritual conseguido durante a manhã.

O pastor Mário Brito respondeu a algumas questões postas pela Revista Adventista e, em resumo, aqui expomos as suas ideias.

**R.A.** Qual o grande objectivo destas Assembleias Espirituais?

**P. Mário Brito** Há três objectivos principais que desejamos atingir. O primeiro é sem dúvida, o fortalecimento espiritual do nosso povo através da partilha das nossas vivências pessoais com Cristo. O segundo, é o encontro entre os irmãos, que sempre encoraja e anima. E o terceiro, é que não percam a nossa dinâmica de movimento.

**R.A.** Pensa que o objectivo espiritual que se deseja é facilmente conseguido na multidão?

**P.M.B.** A multidão tanto se poderá constituir como em elemento de fortalecimento da nossa fé e vivência espiritual, como também poderá ser um elemento perturbador na nossa relação com Deus. Tudo depende do clima espiritual que se consiga criar.

**R.A.** Como está a sentir a reacção das pessoas a este encontro?

**P.M.B.** Estou agradavelmente surpreendido com a ordem, a compostura, o silêncio e a reverência que foram demonstrados durante a hora do culto.

**R.A.** Acha preferível haver várias pequenas Assembleias regionais, ou uma grande Assembleia nacional?

**P.M.B.** Pensamos que uma grande Assembleia é preferível. Mas pensamos também nos irmãos que vivem mais afastados e que não têm facilidade em se deslocar a uma Assembleia como esta. É algo que terá de ser estudado com cuidado.

**RA.** Que mensagem desejaria deixar neste momento, principalmente aos que não vieram?

**PMB.** Que desde agora vão fazendo planos para estarem presentes na Assembleia Espiritual do próximo ano. Quanto maior o número dos que vierem, maior será o encorajamento e fortalecimento espirituais para, todos juntos, prosseguirmos a nossa caminhada em direcção à Canã Celeste.



No próximo número da Revista, apresentaremos uma reportagem fotográfica mais alargada

# Seguindo o



**H**avia um livro infantil fascinante chamado *O Mundo Ao Acaso*. Descrevia um mundo em que tudo acontecia por acaso. O Sol poderia nascer, ou talvez não. Se alguém desse um salto no ar, era impossível prever se desceria novamente. O facto de que alguém tivesse descido ontem não era garantia de que isso acontecesse hoje.

Contudo, não era intenção do nosso Criador que andássemos por aí ao acaso, sem um curso definido, sem um plano para seguir na vida. Não obstante a relutância de alguns em reconhecer qualquer espécie de plano para a sua vida, Ele não espera que nós sigamos o nosso caminho baseados apenas na sabedoria humana, ou por simples tentativas.

Logo após a Criação, Deus começou a ensinar Adão e Eva, começando pelos princípios morais, pois Ele é, Ele próprio, a moral. Depois incorporou elementos práticos conforme foi revelando a maneira de viver em harmonia com Ele.

Aos nossos primeiros pais não foram apresentadas generalidades, nem lhes foi dito que moldassem as suas vidas por si próprios dentro de certos parâmetros. Pelo contrário, vemos uma parada de detalhes muito específicos, conforme lhes foi mostrando as estruturas específicas da sociedade humana – da Sua divina *perspectiva cósmica*.

**A Família.** Por decreto divino, a família foi estabelecida como fundamento da sociedade humana. “*Durante o*

# Plano Divino

sono, tirou-lhe uma das costelas ... Da costela que tinha tirado do homem, o Senhor Deus fez a mulher e apresentou-a ao homem" (Gén. 2:21, 22). E assim, o Criador fundiu o homem e a mulher na primeira família, "e ficam a ser como uma só pessoa" (versículo 24).

**O Sábado.** Este dia especial foi iniciado por Deus para que o homem reconhecesse a sua herança especial de criatura feita à Sua imagem, bem como a alegria de O ter como amoroso Senhor (Gén. 2:2, 3; Êxo. 20:8-11).

**A Alimentação ideal.** A alimentação ideal é prescrita com estas palavras: "Dou-vos todas as plantas que produzem semente e que existem em qualquer parte da terra e todas as árvores de fruto, com a sua semente própria. É isso que devem comer" (Gén. 1:29).

**O Trabalho.** Ao atribuir funções a Adão, Deus confere dignidade ao trabalho produtivo. "O Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden, para nele trabalhar e para o guardar" (Gén. 2:15). O mundo que foi dado à humanidade deve ser compreendido e desenvolvido de forma a dar os seus frutos (Gén. 1:28).

**A Sociedade.** Como parte do plano, cada nova família deve separar-se da casa paterna para se tornar uma unidade financeiramente independente no grande mosaico da sociedade. "Por isso, o homem deixa a casa do pai e da mãe para viver com a sua mulher e ficam a ser como uma só pessoa" (Gén. 2:24).

**A Gratidão.** Deus plantou a semente da mordomia no casal Edénico, pondo-o em harmonia com o seu ambiente, embora reconheçam a sua dependência d'Ele, que, misericordiosamente, tudo dá.

Todos fazem parte do plano original de Deus. Foram todos introduzidos antes da entrada do pecado. Estabelecidos como ligação íntima entre Deus e a

humanidade, são as bases do plano divino apresentado no contexto da confiança profunda e união sincera.

Este ponto é inevitável: aqui está o plano divino para uma vida de sucesso, tanto em profundidade como na parte prática, construída em torno de uma caminhada radiante com o Criador. A partir deste ponto o plano expande-se, tanto vertical como horizontalmente, conforme a percepção humana do carácter majestoso de Deus se for alargando. A vida é mais do que biologia – o seu núcleo que verdadeiramente nos satisfaz cresce dentro de uma perspectiva cósmica que liga a terra ao céu.

A invasão do pecado deforma o plano de Deus, fazendo-o servir os desejos egoístas da humanidade. A bela terra foi logo violentada pelo conflito e pela corrupção. "Mas no princípio não foi assim" (Mat. 19:8), diz Jesus, confirmando o formato original ao mesmo tempo que arrancava as distorções egoístas.

Andar verdadeiramente com o Salvador revela-se num espírito submisso e dedicado que procura fazer a Sua perfeita vontade. Só se obtêm verdadeira felicidade e paz enquanto a ligação entre nós e o Criador se mantiver viva.

Não, o nosso mundo não é o "mundo ao acaso" descrito no livro infantil. Quando o nosso Deus-Criador olha para a Sua Criação através da sua perspectiva cósmica, vê-a como era no princípio – e como voltará a ser, em breve. ■

---

Robert Folkenberg  
Presidente da Conferência Geral dos A.S.D.

# Saúde Infantil

Sob este lema realizou-se, de 1 a 3 de Maio no Auditório da Biblioteca Municipal da Lousã, um programa patrocinado pela revista “Nosso Amiguinho”.

Cerca de quatro dezenas de crianças tiveram a oportunidade de participar, cada dia, neste programa que incluía trabalhos manuais, desenhos, jogos e canções, tudo alusivo aos temas de álcool, tabaco, nutrição saudável, exercício físico, sol, ar e água e a sua influência.

De realçar que o programa de Sábado à noite foi muito concorrido e participado mesmo pelos pais das crianças que “entraram” nos jogos e nas brincadeiras juntamente com os filhos.

A alegria dos petizes era evidente e os pais que participaram manifestaram a sua satisfação e agradecimento junto da organização deste evento, ela própria muito feliz pelo trabalho realizado.



Esperamos que outros programas venham a ser levados a efeito nesta vila, e agradecemos à equipa pedagógica vinda de Lisboa – Amélia Nóbrega, Débora Barradas e Maria Augusta Lopes – pela disponibilidade e entusiasmo manifestados. Agradecemos também ao Rádio Clube da Lousã pela divulgação que fez desta acção, que levou, só por si, a que 12 crianças se “alistassem”. Agradecemos ainda à Biblioteca Municipal da Lousã e à Câmara Municipal, pela boa vontade e apoio que demonstraram, sem as quais este programa não teria sido possível.

*Celestino Carvalho  
Relações Públicas – Serpins*

## AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

### Manuel Valente Lopes

Faleceu a 12 de Março, o irmão Manuel Valente Lopes, que deixa um vazio quer na família, quer na Igreja quer mesmo na comunidade. Foi sempre um grande exemplo de dedicação e testemunho da sua fé na breve vinda de Jesus.

Durante 45 anos, foi sempre um missionário activo, não só na distribuição de literatura cristã e falando da mensagem, mas envolvendo-se directamente na construção de lugares de culto e instituições da Igreja. Testificam disto a construção em Nisa, para culto e habitação do pregador, bem como a colaboração em edificar o primeiro módulo do aldeamento no LAPI em Salvaterra, e ainda um local de culto em Arneiro, sua aldeia natal.

O respeito e carinho que todos lhe dedicavam ficou bem patente no momento do seu funeral, em que centenas de pessoas da sua aldeia e de outros lados do país, estiveram presentes.

Em nome da família Adventista apresentamos os nossos sentimentos, especialmente à sua filha, irmã M.<sup>a</sup>. Conceição Pinto, na certeza da ressurreição em Jesus.

### Dr.<sup>a</sup> Rosa Patrício Raposo

No passado dia 5 de Abril faleceu, com 95 anos, a nossa irmã Rosa Patrício Raposo.

Era oriunda de uma das mais antigas famílias de adventistas em Portugal. Irmã de homens que marcaram uma época na história da nossa Igreja em Portugal, como o Pastor Alberto Raposo, os irmãos Arnaldo Raposo, Fernando Raposo, e Alda Raposo, que bem conhecidos foram e também admirados por aqueles que com eles conviveram. Esta família foi sempre uma das referências importantes dentro da nossa Igreja em Portugal, e mais particularmente na de Lisboa a que todos eles pertenciam.

A irmã Rosa foi baptizada em 1926 e, pouco tempo depois, completou a licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa.

Dedicou grande parte do seu tempo ao professorado. A partir da década de 30 leccionou no nosso seminário teológico então em Portalegre, tendo mais tarde, quando este foi encerrado, continuado o seu trabalho em Lisboa no Curso Bíblico e depois em Setúbal no colégio que aí funcionou.

## Dia Mundial do Livro nos Açores

Em 23 de Abril passado, Dia Mundial do Livro, levámos a efeito uma acção junto das crianças, através de um concurso

patrocinado pela Revista “Nosso Amiguinho” e subordinado ao tema “O que é para ti um livro?”

Este programa teve lugar no colégio de Santa Clara em Angra do Heroísmo, que é um colégio católico onde vários professores e irmãs são assinantes da nossa Revista.

Nesta festa estiveram presentes o Presidente da Câmara de Angra, e antigo aluno desta escola, e um representante da Secretaria Regional da Educação e Cultura, entre outros.



Os jornais, a TV e as rádios locais deram grande relevo à iniciativa.

Algumas crianças deram o seu testemunho, de que destacamos: “Ele (o livro) é uma porta aberta para o Mundo” (Rui Ferreira); “Ele ensina-nos muito e ajuda-nos a desenvolver as nossas capacidades” (Débora Alves); “O livro é uma aventura” (Gustavo Ramos).

Agradeço ao irmão Ávila, professor no Conservatório de Angra, pela sua colaboração musical, mas principalmente a Deus pela oportunidade de ter realizado este trabalho.



*Álvaro Bastos  
Colportor em Angra do Heroísmo  
Terceira - Açores*

### A IGREJA EM ACÇÃO

Neste seu trabalho contribuiu para a formação de muitos jovens da nossa igreja, muitos dos quais acabaram por dedicar a sua vida ao ministério da palavra e à vida missionária.

Na sua trajectória missionária, a Dr.<sup>a</sup> Rosa Raposo, também trabalhou nas escolas adventistas da Ilha Brava em Cabo Verde e na do Funchal na ilha da Madeira.

Todos os que a conheceram aprenderam a respeitá-la, pela sua firmeza à fé, pela sabedoria e humildade continuamente manifestadas.

No LAPI, onde viveu os seus últimos anos, deixou bem patente o exemplo de respeito pelos outros, pela Obra a que dedicara a sua vida, pela sua fé e por Jesus como seu Salvador.

Sempre lembrava, apesar da sua idade avançada, aqueles que conhecera há longos anos e com os quais convivera.

Descansa já uma mulher que nos ligava aos primórdios da obra em Portugal. Mas descansa dos seus trabalhos esperando o Grande Dia do reencontro com os que a precederam na morte, e com o seu amado Salvador.

Aos familiares da nossa irmã, aqui ficam as nossas palavras de conforto, na certeza da ressurreição, certeza esta que alegrava e enchia o seu coração.

## Tomar - Baptismos

Na tarde do Sábado 25 de Abril, esta Igreja viveu mais um “grande dia”: uma cerimónia baptismal. Quatro foram os que ouvindo o amoroso convite de Jesus, decidiram aceitá-lo.

A Igreja encheu-se e os nossos corações alegraram-se à semelhança do dos anjos, ao verem pecadores de volta aos braços do Pai.



No sermão feito pelo pastor Daniel Martins foi feito um apelo a uma entrega e consagração de todos nós,

para que finalmente tenhamos um encontro feliz e em paz com o nosso Deus.

Que o Senhor abençoe estes novos irmãos na fé.

*Fernando Gonçalves  
1º Ancião da Igreja de Tomar*

## Notícias de Canelas

*Agora, pois, ó nosso Deus, graças te damos, e louvamos o teu glorioso nome. (I Crónicas 29:13)*

Há 50 anos atrás Canelas era uma pequena freguesia, desconhecida e atrasada. Nessa altura os poucos, mas sempre firmes Adventistas, eram repudiados e desprezados. Mas damos graças porque tudo mudou e hoje, os mais de trezentos membros são respeitados, enaltecidos e admirados por todos os moradores desta actual Vila em constante desenvolvimento e progresso, e que conta com mais de 10.000 habitantes. Não podemos esquecer ainda, de dar graças pelas excelentes relações que temos com a autarquia.

Este ano é o ano da "Juventude em Missão". Mas graças a Deus este, sempre foi o lema desta Igreja. Todos; igreja em geral, e jovens, sempre se empenharam durante estes cinquenta anos em alcançar almas para Cristo.

Não podemos esquecer as 19 almas que se entregaram a Cristo em 1996 e as 10 que o fizeram em 1997 (aquando da Net). Damos ainda graças porque outras tantas visitas estão a frequentar a classe baptismal preparando-se assim, para deixar a "velha vida", e viverem uma "nova vida" com Cristo Jesus.

Canelas é uma Igreja jovem, e graças a Deus os 60 % de jovens que a compõem são realmente o motor que verdadeiramente a impulsiona a proclamar a mensagem dos

três anjos e apressar a vinda de Cristo.

Sempre activos, os jovens lutam por um objectivo há muitos anos perseguido, que é abertura de uma nova sala. O plano de evangelização já está elaborado. Só esperamos que Deus nos oriente no caminho a seguir, para que seja feita não a nossa, mas a Sua vontade.

Apesar da nossa dimensão, não podemos ficar acomodados. Deus incumbiu-nos da seguinte tarefa, "...*ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco, todos os dias até à consumação dos séculos.*" Mateus 28:19-20.

Muitas almas ainda não conhecem, ou não se entregaram a Jesus. E cada um tem um papel a desempenhar. Oxalá nos disponhamos a servi-l'O, para que Deus nos use a todos como Seus instrumentos neste Ministério que é a conquista de almas para o Seu reino.

Orem por esta Igreja, pelos seus projectos e pelos seus Jovens.

*Jorge Silva*  
Director de Comunicações



## A IGREJA NO MUNDO

### Dirigente da Igreja visita o Irão

O Pastor Folkenberg visitou o Irão de 29 de Abril a 2 de Maio, onde se encontrou com membros do Governo, a fim de tratar de assuntos relacionados com a nossa Igreja entre os quais a prática do culto dos membros locais.

No fim do encontro o P. Folkenberg mostrou-se muito animado, quanto às perspectivas futuras para os nossos membros nesse país, onde a Igreja está a trabalhar desde 1991, embora continue com um reduzido número de membros.

### Aumentam as dificuldades na Rússia

Acontecimentos recentes na Rússia mostram uma crescente atitude restritiva em relação a algumas actividades religiosas.

A expulsão de um missionário Baptista, recusando-lhe a renovação do visto no passaporte, é um dos primeiros casos de violação dos direitos humanos, após a aprovação, na Rússia, da nova lei sobre a religião.

Posteriormente, oficiais do governo em Tula proibiram o uso de edifícios públicos para reuniões de carácter religioso. Notícias vindas a público referem que Baptistas e Adventistas do Sétimo Dia foram expulsos de um teatro propriedade do município de Venev.

As autoridades locais decidiram que nenhuma confissão religiosa pode usar edifícios públicos. Sabe-se que, no momento em que esta decisão foi tomada, estavam presentes quatro padres ortodoxos e que nenhum pastor protestante estava representado.

Os padres ortodoxos têm acusado os protestantes de serem inimigos do povo russo.

Neste caso foi invocada, para a proibição de usar edifícios públicos, uma "ordem presidencial". Porém nunca foi provado que ela existisse.

Como resultado, a Igreja Adventista em Venev procura agora angariar fundos para adquirir um edifício no centro da cidade. Mas, entretanto, reúne-se numa casa particular.

A pressão exercida pela Igreja Ortodoxa é cada vez maior. De tal maneira que, há poucas semanas atrás, na pequena cidade de Ludenova, chegava ao fim uma

## Ainda o XLIII Curso de Formação de Colportores Evangelistas

### Testemunhos

“Senti no curso que efectuei com os outros irmãos, um amor e dedicação de todos com grande encorajamento.

Considero este passo para mim como uma segunda entrega a Deus, depois do baptismo”.

*José Manuel Rosário*



“Este Curso de Colportores Evangelistas superou todas as minhas expectativas. Foi sem dúvida uma experiência marcante que me ajudou a compreender mais profundamente a missão do colporteur: “Levar almas aos pés de Jesus”.

Que Ele me habilite e me inspire a ser um soldado valoroso nas Suas fileiras, assim como a todos os meus colegas e dirigentes que proporcionaram uma tão sã camaradagem.”

*Pedro Ribeiro*



“Esta foi sem dúvida uma das experiências mais interessantes que vivi.

A passagem na Escola de Colportagem foi uma fase decisiva na carreira que pretendo seguir como Pastor, pois obtive informação e conhecimentos preciosos no que respeita ao contacto com as pessoas.

Por outro lado fiquei com uma compreensão mais completa da determinação e da perseverança que é necessária para se ser um Colporteur Evangelista de sucesso.

Finalmente é importante referir, que tenho agora uma noção mais clara da grandiosidade desta obra, que é sem dúvida uma bênção para a causa e para a igreja do Senhor.

Que Deus abençoe todos aqueles que pelo Seu poder, se dedicam a este trabalho.”

*Pedro Esteves*



*Domingos Freixo*

*Departamento das Publicações*

## A IGREJA NO MUNDO

Campanha de Evangelização e estavam planeados alguns baptismos, quando o jornal local publicou artigos contra a Igreja Adventista, dizendo que o seu objectivo era arrancar a fé Ortodoxa do coração do povo russo.

E estes não são casos isolados.

### Letónia: Falhou uma tentativa de mudar o estatuto da Igreja Adventista.

Recentemente o Parlamento Letão tentou reduzir a lista das comunidades religiosas “tradicionais”, para seis: Luteranos, Católicos, Baptistas, Ortodoxos, Velhos Crentes e Judeus. Esta tentativa de excluir a Igreja Adventista falhou. Contudo há razões para acreditar que novas tentativas serão feitas, depois das próximas eleições.

Correntemente a Igreja Adventista é incluída entre os corpos religiosos “tradicionais” deste país. E, em 4 de Fevereiro de 1997, a nossa Igreja recebeu, do Ministro da Justiça da Letónia, uma comunicação oficial, confir-

mando este estatuto. Mas, por alguma razão, a Igreja Adventista perdeu o direito de ensinar religião nas escolas públicas, direito este que todas as religiões “tradicionais” é suposto terem.

O Presidente da União de Conferências do Báltico, pastor Vladis Zilgalvis, refere que é essencial continuar a defender a nossa posição, porque perdê-la tornará ilegal para nós o pregar a nossa mensagem fora do edifício das nossas igrejas.

Na Páscoa foram convidados, para o palácio presidencial, os responsáveis das religiões “tradicionais”. E os dirigentes da Igreja Adventista também foram convidados, o que permite concluir que até ao presente ainda mantém o seu estatuto.

A Igreja Adventista trabalha na Letónia desde 1920 e tem 3.899 membros baptizados, divididos por 43 Igrejas.



# Ó Jerusalém!

*A tragédia de uma nação prestes a estragar a sua melhor oportunidade.*

HEDRICK J. EDWARDS

**J**esus definiu a Sua missão em Jerusalém em termos de paixão e dor. “*Neste momento o meu coração está perturbado,*” disse Ele aos seus seguidores na tarde que antecede a cruz. “*Mas que posso Eu fazer? Pedir ao Pai que Me livre do que está para acontecer nesta hora? Mas Eu vim ao mundo precisamente por causa desta hora!*” (João 12:27).

Jerusalém representava a vida de uma nação que era muito preciosa para Deus. A Providência tinha feito nascer esta Cidade da Paz. Dela seriam derramados caudais de cura que se alastrariam muito além das fronteiras de Israel. A glória que lhe tinha sido prometida tornou-se a obsessão de cada profeta Hebreu, desde David a Daniel. Essa mesma glória era também a magnificente obsessão de Cristo.

Contudo, com a presença de Jesus na cidade, tinha chegado o momento em que devia definir-se. Esta cidade, pela qual os Filisteus e os Babilônicos, os Macabeus e os Romanos, tinham travado batalhas tão cruéis, estava agora apanhada no domínio de um último tirano que ameaçava a sua salvação e o seu destino, bem como os de toda a nação.

Jesus veio libertar o povo de Jerusalém da ameaça deste último cativo e cabia agora à cidade definir o seu próprio destino. Tinha que fazer uma escolha essencial: Iria ela cumprir a sua promessa e ser a catalisadora da ordem mundial de justiça? Ou provaria ela ser apenas uma miragem ilusória, pretensiosa mas improdutiva – um instrumento do mal?

Jerusalém encontrava-se numa encruzilhada, em posição de poder avançar para a brilhante luz da graça divina, ou recuar para uma época de trevas e desilusão. Conforme a cidade se aproximava inexoravelmente do encontro com o seu destino, Jesus emocionou-se até às lágrimas – lágrimas provocadas por uma profunda angústia. Ele via o risco que corria Jerusalém e tudo o que ela representava.

A profunda afeição de Cristo pela cidade era mais pungente ainda pela Sua compreensão da falsidade que envolvia o poder do mundo. Olhando para baixo, para Jerusalém, do Monte das Oliveiras, podia ver, sobrepondo-se a tudo o resto, o magnífico Templo que representava tudo o que a cidade de Jerusalém simbolizava na vida

e pensamento Judaico. Mas também via, sinistramente levantadas à distância, as torres do palácio de Herodes, como um lembrete de que princípios opostos estavam, subtilmente, a batalhar pela alma e coração da cidade.

O passado, o presente e o futuro da metrópole amada passou perante os Seus olhos, e Ele chorou ao ver o iminente colapso moral, espiritual e político da cidade. “*Oh, Jerusalém, Jerusalém,*” gemeu, “*quantas vezes Eu quis juntar os teus habitantes como a galinha junta os pintainhos debaixo da asas! Mas tu não quiseste.*” (Mat. 23:37).

Acontecimentos trágicos já tinham lançado sombras perigosas sobre a Cidade da Paz, distorcendo os ideais e a inocência dos sonhos.

Homens sábios foram silenciados e desacreditados pelas autoridades. Grandes professores da verdade e corajosos reformadores da moral tinham sido habilmente retirados de todas as posições influentes. O

próprio Jesus fora desumanamente repudiado com a alegação de que era inculto e condenado como estando em convénio com o diabo. Depois, naquele momento Jerusalém era uma cidade de profundas contradições e violência. Os

soldados Romanos patrulhavam as suas ruas difíceis, tal como os soldados de hoje, para controlar as explosões de paixões violentas do seu povo desesperado.

Parecia que, aqui, se encontrava a alma do mundo, o local para onde convergiam todos os seus conflitos mais amargos e dilemas mais sérios. A falsidade, que levava tanto tempo para se estabelecer, conseguira finalmente entrincheirar-se na cidade secular. E até agora, na presença da pura luz da verdade, permanecia inabalável.

O que poderia o incorruptível Homem de Nazaré fazer com tal cidade? Podia perdoar todos os seus pecados

e curar todas as suas doenças mas, ah!, Jerusalém não queria ser perdoada, não queria ser curada. Não Lhe tendo sido deixado outro recurso, Jesus viu-Se obrigado a beber o cálix amargo do amor não correspondido e a suportar a desonra da crucifixão.

Contudo, a história dos momentos decisivos de Jerusalém não era simplesmente de um conflito de princípios abstractos. Era, também, a história de personalidades moldadas por princípios opostos: as autoridades do Templo, que Cristo repreendeu por permitirem que os recintos sagrados se convertessem de casa de oração em antro de

ladrões; os fariseus e escribas, que aparentavam ser piedosos e limpos por fora, mas cuja fachada Jesus penetrou, chamando-lhes guias cegos, uma “*raça de víboras*” (ver. 33), “*cheia de roubos e violências*” (ver. 25); saduceus, sacerdotes e levitas. Todos estes tipos de personalidades afirmavam estar sentados na cadeira de Moisés, definindo-se em termos do seu relacionamento com Abraão, Moisés e os profetas. Como líderes espirituais da lei, orgulhavam-se de serem os depositários da cultura religiosa que lhes fora concedida através de

sinais e maravilhas que levavam o selo do próprio Jeová.

Mas, lado a lado com esta religiosidade crescia uma insidiosa paixão pelo poder e por ser louvado pelo mundo. Não estando dispostos a reconhecer o facto de que o reino dos Céus não depende de demonstrações exteriores, eles sonhavam com um reino que lhes garantiria riquezas materiais e lhes permitiria (como a César) o exercício do poder sobre os outros, mas que também seria seguro e duraria para sempre, com o próprio Jeová como fundador.

Estes líderes de opinião estabeleceriam o tom que determinaria o verdadeiro carácter da alma de Jerusalém.

## O passado, o presente e o futuro da metrópole amada passou perante os Seus olhos, e Ele chorou...

Eles próprios chegariam ao seu momento de verdade. Egos poderosos batalhariam contra impulsos verdadeiramente nobres. E a questão que os levou até esse momento foi Jesus. Havia n'Ele e no novo reino que representava e proclamava, algo de autêntico e inevitável. Há que suspeitar que em momentos de sóbria reflexão, até os piores vilões entre estes líderes tenham confessado nos seus corações, tal como o centurião Romano o fez com os seus lábios: *"Este homem era realmente o Filho de Deus!"* (Mat. 27:54).

Mas era arriscado alimentar esses nobres impulsos por muito tempo. Como poderia tal superioridade ser revestida de tanta humildade? Eles argumentavam contra o seu próprio raciocínio. Jesus de Nazaré um profeta! Um Rei-Messias da Galileia! *"Blasfêmia!"* Gritou Caifás (Mat. 26:65). *"Estuda bem a Sagrada Escritura e vás-de ver que nenhum profeta veio da Galileia"*, disseram as autoridades (João 7:52). Reconhecer que Jesus era o Cristo, ou mesmo um profeta, significaria abandonar os seus interesses próprios, e isso seria um preço demasiado elevado para os líderes de Jerusalém pagarem. Eles esquivaram-se e argumentaram, distorceram e deram uma aplicação errada às Escrituras para servir o seu orgulho e paixões.

Rejeitando a evidência de que a majestade pudesse ser apresentada em tal humildade, estes líderes iniciaram a descida pela rampa escorregadia do orgulho pessoal e colectivo, essa falha de que todas as grandes tragédias da história descendem. O reino que seria estabelecido por Jesus era para os pobres de espírito, os misericordiosos, os humildes, os puros de coração, aqueles que têm fome e sede de justiça. Era claro que um tal reino era uma ameaça para tudo aquilo que eles esperavam e

representavam. Pois se Jesus era verdadeiramente o Ungido, então toda a orgulhosa dignidade e autoridade em que os chefes dos sacerdotes confiavam perderiam repentinamente a sua substância e tornar-se-iam vazias e irrelevantes. Não se devia permitir que tal reino subsistisse.

Se tivessem sido os Romanos a desprezar e rejeitar Jesus, teria sido compreensível. Afinal de contas, eram pagãos imperialistas que não tinham outro rei além de César. Mas não. Foi o povo escolhido de Jeová que, sob a influência dos seus líderes religiosos, Lhe viraram as costas. Por fim, esses líderes disseram a Pilatos: *"Nós não*

*temos rei senão o César!"* (João 19:15). Eles tinham razão, pois os princípios do reino de César tinham sido entesourados nos seus corações.

Entre a elite religiosa de Jerusalém havia um pequeno grupo de líderes que possuíam integridade intelectual e moral: Nicodemos, Gamaliel, José de Arimateia, entre outros. Sentindo que alguma coisa verdadeiramente significativa poderia estar a acontecer perante os seus próprios olhos no Homem de Nazaré, eles procuraram a Sua glória por detrás dos

pés empoeirados, do Seu semblante gentil, da Sua túnica simples. E foram recompensados com uma visão de algo transcendente – a majestade na humildade, força na fraqueza, ganho na perda, Deus em carne humana.

Que descoberta! Uma verdade tão profunda que apenas podia ser expressa através de um paradoxo, no entanto tão simples que os de coração puro a podiam apreciar.

*"Como é que isso pode ser?"* Perguntara Nicodemos, algum tempo antes. Agora estava convencido. Com outros discípulos secretos de Jesus, ele manifestar-se-ia aber-

## *A oportunidade perdida por Jerusalém contém uma poderosa mensagem para nós.*

tamente, declarando a sua aliança com o Salvador neste momento decisivo para Jerusalém. Estes homens e mulheres honestos, sensíveis, tentaram honrar Cristo em vida sem ofender aqueles que apenas O desonrariam (João 7:48-52). Mas só lhes foi permitido prestar-Lhe homenagem total na hora da Sua morte. José pediu a Pilatos o corpo de Jesus e Nicodemos deu-Lhe um sepultamento honroso.

No momento do compromisso e da bondade, mesmo que Jesus estivesse apenas meio consciente, ter-lhes-ia dito palavras de profunda gratidão. Provavelmente ter-lhes-ia dito abertamente, como o fez ao chamado bom ladrão: *“Podes ter a certeza hoje mesmo, que estarás comigo no Paraíso”* (Lucas 23:43).

Quanto a Caifás e ao seu grupo, Jesus não teria dito nada de bom ou mau. Aos agentes Romanos e à multidão histerica que gritava pedindo a Sua morte, expressaria apenas a Sua profunda tristeza e desilusão: *“Perdoa-lhes, que não sabem o que fazem”* (verso 34).

Quanto aos Seus 11 discípulos, Jesus sentiu a sua dor e profundo sofrimento. Pois eles, acima de todos os outros, tinham ficado a Seu lado. Depois da Sua ressurreição Ele apareceu a outras pessoas para levantar o seu ânimo e reavivar a sua fé. E deu-lhes poder para ir até ao fim do mundo e declarar o Seu triunfo.

O momento de definição de Jerusalém e o seu destino prometido fazem, agora, parte da História. No nosso tempo, ainda há quem olhe para ela com grandes esperanças. Mas essa amada cidade, cobiçada tanto por

Israelitas como por Árabes, tornou-se pouco mais do que uma miragem ilusória. Ainda promete paz, mas há mais de 2000 anos que é incapaz de a dar. Aqui, onde a Majestade do Céu palmilhou com humildade e compaixão as ruas calcetadas, aqui onde Ele chorou de angústia e morreu em amarga agonia – aqui, os Palestínianos e os Israelitas ainda choram e sangram e morrem.

*“Ob, Jerusalém, Jerusalém!”* Palavras confrangedoras de aflição e compaixão. Palavras que nos continuam a perseguir e a desafiar ainda hoje. Pois também nós nos

vemos incapazes de evitar fazer parte da luta pela alma do nosso mundo, da nossa nação, da nossa igreja. A angústia de Cristo pela oportunidade perdida por Jerusalém contém uma mensagem poderosa para cada um de nós. Temos de enfrentar o nosso momento decisivo.

Mas há esperança. Pois a luz ainda brilha através das trevas deste mundo, e Cristo triunfou.

Ele ressuscitou dos mortos. É o Senhor. O destino da paz e da glória (que ainda ilude Jerusalém) é assegurado àqueles que têm olhos para ver a majestade na humildade, misericórdia na miséria, e ordem na confusão aparente.

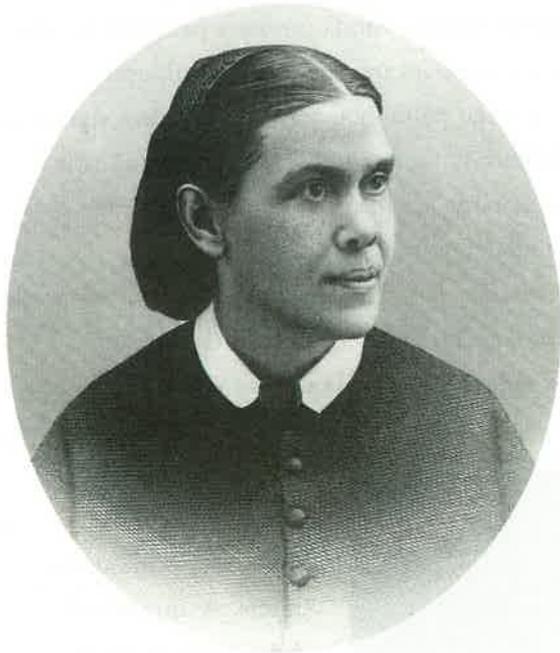
As trevas, embora densas, nunca puderam extinguir a Luz do mundo. ■

*Pois a luz ainda  
brilha através  
das trevas deste  
mundo. E Cristo  
triunfou.*

*\* As citações Escriturísticas foram tiradas da Bíblia Boa Nova*

*Hedrick J. Edwards  
Coordenador do programa de Mestrado de Saúde Pública do  
Instituto Adventista de Estudos Avançados nas Filipinas*





# Uma Recepção de E. G. White aos Colportores

ERNESTO FERREIRA

**E**m 1879, E. G. White começou a chamar a atenção das duas Casas Publicadoras Adventistas então existentes - uma em Battle Creek, Michigan, e outra em Oakland, Califórnia - para as vantagens de se venderem, de casa em casa, por meio de colportores, livros denominacionais de doutrina.

Algum tempo depois, em 1881, o canadiano George A. King ofereceu-se para realizar esse trabalho, tornando-se o primeiro colportor adventista. Dentro de poucos meses já tinha colocado mil exemplares da obra de Uriah Smith intitulada *Pensamentos Sobre Daniel e Apocalipse*. (É digno de registro que uma parte dessa obra foi traduzida e publicada em Portugal, em 1945, com o título de *As Profecias de Apocalipse*.)

## E. G. White Fixa-se na Califórnia

Entretanto, vários acontecimentos ocorreram na vida de E.G.White. Em 1881 falecia o seu marido; de 1885 a 1887 exerceu o seu ministério na Europa; desde a última quinzena de Dezembro de 1891 até 1900 residiu e trabalhou na Austrália.

Ao regressar aos Estados Unidos, comprou uma casa de campo denominada Elmshaven, perto da povoação de Santa Helena, a cerca de 100 quilómetros ao norte de San Francisco, Califórnia.

Aqui esteve o Arquivo dos seus manuscritos e publicações, até que em 1938 foi transferido para a sede da Conferência Geral, que então se encontrava em Takoma Park, Washington, D.C, e hoje funciona em Silver Spring, Maryland.

## Expansão da Obra de Publicações

Ao longo destes anos, a Obra de Publicações foi-se expandindo cada vez mais, o que justificou a organização de um novo Departamento da Conferência Geral - o Departamento de Publicações, criado em 1902.

Uma função importante deste Departamento foi sempre a organização de cursos de iniciação para novos colportores e de convenções para a actualização, aperfeiçoamento e reactivação dos colportores em exercício.

Foi precisamente para uma dessas convenções que uns quarenta colportores e colportoras estiveram reunidos nas instalações da Pacific Press, em Mountain View, Califórnia, em Janeiro de 1913.

## Recepção em Elmshaven

Num dos dias da Convenção, quinta-feira, 23, o grupo deslocou-se alguns quilómetros ao norte de San Francisco para visitar o Pacific Union College, o Sanatório de Santa Helena e, finalmente, Elmshaven.

O encontro neste último local foi marcado para as 16 horas desse dia.

Para os receber, foram feitos os devidos preparativos, entre os quais uma exposição na sala da Biblioteca, mostrando livros, documentos, manuscritos e cartas que seriam de interesse para os visitantes.

Quando se juntaram na sala de estar, a Irmã White – tinha ela 85 anos – desceu para os receber. Leu então a sua mensagem de boas-vindas, que começava assim:

“Dou-vos a todos vós as boas-vindas a Elmshaven, o refúgio que encontrei preparado para mim ao regressar da Austrália. Nesta tranquila e confortável casa temos podido preparar artigos e livros para publicação. Espero que vos seja agradável esta visita e que volteis de novo. Estou profundamente interessada em vossa prosperidade e bem-estar.

“Chegou o tempo em que uma grande obra deve ser feita pelos nossos colportores. O mundo está dormindo, e

como vigias devem dar-lhe a nota de aviso, para despertar os sonolentos a sentirem o seu perigo. As igrejas não se dão conta do tempo da sua visitação. De que maneira melhor podem aprender a verdade? Através dos esforços do colportor.

“Todos os que se consagram a Deus para trabalhar como colportores estão ajudando a dar a última mensagem de advertência ao mundo. Eles são os mensageiros do Senhor, dando a multidões em trevas e erro as alegres novas da salvação.”

Lembrou em seguida algumas experiências que levaram os adventistas a ganhar uma compreensão mais ampla da tarefa que lhes foi confiada e finalmente convidou-os a orarem por uma mais profunda experiência espiritual, baseada nas preciosas verdades que Deus confiou ao Seu povo para este tempo.

## Recordações da Visita

Depois de ter falado durante cerca de trinta minutos, ofereceu a cada um deles, à sua escolha, um exemplar de *O Desejado de Todas as Nações* ou de *Actos dos Apóstolos* ou de outro livro presente.

Dentro de cada livro encontrava-se um cartão, por ela assinado, com a seguinte mensagem:

Estamos a caminho do lar. Mais um pouco, e a luta findará. Possamos nós que nos encontramos no calor do conflito conservar sempre diante de nossos olhos uma visão do invisível – do tempo em que o mundo será banhado na luz do céu, em que os anos se sucederão em alegria, em que sobre a cena as estrelas da alva juntas alegremente cantarão e os filhos de Deus rejubilarão, enquanto Deus e Cristo Se unirão em proclamar: “Não haverá mais pecado, não haverá mais morte.” “Esquecendo as coisas que atrás ficam, e avançando para as coisas que estão diante”, “prossigamos para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” ■

*Ellen G. White,*

# A Oração Livrou-a *uma...* da Morte

Vamos chamar-lhe Ester, como a do passado, em virtude da coragem demonstrada perante as circunstâncias da sua vida.

Vivia num lar “impossível”: pais incrédulos, violentos, o marido de maus instintos, péssimos hábitos, e todos alcoólicoss. Apenas conviviam com pessoas do mesmo tipo. É evidente que Ester não tinha paz, nem alegria.

Entretanto, perto do local onde vivia, apareceu uma “cidade de refúgio”, um pequeno local onde o Evangelho era anunciado.

Ela foi ouvir. E ao encontrar o Deus que tanto desejava, agarrou-se com avidez a esta âncora e começou a estudar a Palavra de Deus.

Encontrou, realmente, o seu Salvador, o Consolador dos tristes, e Amigo dos pecadores e converteu-se.

Passou a frequentar a pequena Igreja regularmente. Ao princípio o marido não se opunha. Porém essa “boa vontade” durou pouco tempo. Em todas as épocas, onde surge a Luz, logo a escuridão se intromete. É bem verdade que Jesus disse que não viria trazer a paz, mas a guerra. Lucas refere-o no capítulo 12 e nos versos 51-53.

Como outros membros da família se iam convertendo, o pai e o marido da Ester tornaram-se cada vez mais agressivos. De armas na mão ameaçavam expulsar de casa todos os que tivessem a Bíblia.

Ester, para conservar a sua Bíblia e salvar a vida, mais de uma vez teve de fugir. Ia para uma mata, perto de casa, onde passava várias horas em leitura, meditação e oração. Era tremenda a sua luta.

No entanto, fazia tudo quanto podia para criar em casa um ambiente pacífico, desde que isso não afectasse a sua relação com a “Luz” que brilhava no seu caminho.

Procurava ajudar o marido a ver o erro em que estava, mas era inevitável que a obstinação dele veio a fazer com que cada vez as coisas se tornassem mais difíceis.

Certa manhã de Sábado, quando se preparava para ir à Igreja, o marido, de faca em punho, exigiu que ela ficasse em casa. Caso contrário, matá-la-ia.

Ester respondeu que não via nenhum motivo justo para não ir. E foi.

Podemos, no entanto, avaliar com que estado de espírito o fez. Sentia o enorme peso do fardo que estava sobre os seus ombros. Antes de chegar à Igreja, desviou-se do caminho e ali, a sós com Deus, derramou toda a angústia que lhe enchia o coração.

Ao chegar à Igreja, todos notaram a sua perturbação, mas ao mesmo tempo a paz interior que irradiava do seu rosto.

No fim da reunião, dirigiu-se aos seus irmãos dizendo que seria essa, provavelmente, a última vez que se veriam, e contou os incidentes da manhã.

Grande emoção se apoderou de todos, e ali, naquele momento, todos dobraram os seus joelhos durante alguns dramáticos momentos, e todos elevaram a Deus as suas palavras de amor pela sua irmã e de súplica pela sua vida, mas também pelo seu marido.

No fim Ester voltou para casa.

Agora o seu passo era firme. Não tinha medo. Este ficara para trás.

Chegou a casa, abriu a porta, e no mesmo instante vê brilhar a lâmina da faca que o seu marido brandia sobre ela.

Foi aí que aconteceu. Uma dor aguda feriu o braço do agressor. A faca caiu-lhe da mão, e teve de se apoiar, para não cair por terra.

Esteve vários dias de cama no meio de grande sofrimento. Contou que no momento de desferir o golpe, um poder estranho o paralisara impedindo-o de matar a esposa.

Durante todo o tempo em que o marido esteve na cama, Ester tratou-o com todo o carinho, convidando-o a voltar atrás na sua vida e a aceitar Jesus. Mas...

Quando a loucura da obstinação domina, nada há a fazer. E pouco tempo depois o marido de Ester foi levado para o pequeno cemitério da vila, sem ter querido conhecer Jesus. ■





*“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração. Tu as inculcarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, andando pelo caminho, deitando-te e levantando-te. Também as atarás na tua mão por sinal, e te serão por faixa entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais da casa e nas portas.” Deut. 6:5-9*

Primeiro devemos “amar” o Senhor e depois ensinar. Os pais são modelos para os filhos. Devem ensinar diligentemente – cada dia. Ensinar continuamente, deixando que Jesus viva nas suas vidas, através das suas palavras e atitudes. As crianças imitam o que vêem!

Separe um tempo regular durante o dia, que não seja longo, mas que seja especial. Estude a lição da Escola Sabatina com o seu filho, cante com ele, ore, converse sobre as coisas da vida. As crianças precisam de repetição, para poderem aprender mais facilmente.

Damos a seguir um esquema sugestivo para a semana, mas não deixe de exercitar a sua imaginação:

*Domingo* – Conte a história com figuras, se possível.

*2ª feira* – Conte novamente a história e ensine o verso áureo.

*3ª feira* – Cante um hino relacionado com a história e deixe a criança ajudar a contar a história (finja esquecer palavras). Repita o verso áureo.

*4ª feira* – Faça perguntas simples da história e cante um hino. Repita o verso áureo.

*5ª feira* – Faça uma actividade de desenho e pintura sobre a história e cante um ou mais hinos enquanto trabalham. Repita o verso áureo.

*6ª feira* – Deixe a criança contar a história com as suas próprias palavras e dizer o verso áureo. Cante um hino.

*Sábado* – Chegue a tempo à Escola Sabatina para que o seu filho possa dizer, feliz, o verso áureo de cor, e participar activamente no programa.

Ajude-o a decorar também a referência bíblica onde se encontra o verso áureo. (Por exemplo: *“O Senhor é o meu Pastor: nada me faltará.”*)

Salmo 23:1) Um dia, mais tarde, ele irá agradecer-lhe!

Acima de tudo, não desanime! Lembre-se que as ervas daninhas crescem de um dia para o outro, mas as árvores frondosas levam anos.

Não se esqueça da promessa do Salmo 119:11 – *“Escondi a tua palavra no meu coração para não pecar contra ti.”* ■

*Primeiro devemos  
“amar” o Senhor  
e depois ensinar.*

# O Bolo da Teresa

“Oh Mamã, deixa lá...” pedia, pela décima vez, a Teresa.

“Não, Teresinha, não pode ser!”

“Mas eu vou seguir a receita à risca...”

“Não, filhinha, não te deixo fazer um bolo sozinha.

Se quiseres, eu ajudo-te, e fazemos juntas o bolo para o lanche das tuas amigas, mas sozinha não.”

“Pois! Contigo a dizer o que eu devo ou não devo fazer! É isso que eu não quero! Ter alguém sempre a dizer o que eu devo fazer!”

“Olha, Teresa, ser demasiado independente também não é lá muito bom. Todos nós temos de aprender uns com os outros. Se quiseres fazer o bolo comigo, tudo bem, mas não vale a pena voltares a pedir para o fazeres sozinha.”

Parecia que o assunto terminava por aqui mesmo, mas a Teresa não desistiu. Pediu, pediu, e voltou a pedir. Tanto massacrava a mãe, que esta acabou por dizer:

“Muito bem. Vais fazer o bolo sozinha, mas ficas já avisada que esse será o bolo para o lanche. Se alguma coisa correr mal, paciência! Eu não vou fazer outro!”

A Teresa saltou de alegria. Correu para a cozinha, pôs o avental e pegou no livro de receitas. Com muito cuidado foi separando os ingredientes, medindo ou pesando tudo como já tinha visto a mãe fazer. Escolheu o seu bolo



favorito e como a mãe dizia que tinha de ser bem mexido,

foi o que fez. Depois untou muito bem a forma, forrou-a com papel e deitou a massa. Até agora, tudo bem.

“Que quente!” pensou quando abriu a porta do forno que ligara logo no início. “Estará quente demais? É melhor eu perguntar à mãe.”

“Mamã, Mamã,” chamou. Mas não houve resposta. A mãe não estava. Não havia outra saída senão pôr o bolo no forno.

Os minutos foram passando e a sua impaciência crescendo. Estaria o bolo a queimar? Ou o calor não era suficiente? Abriu a porta do forno e espreitou. O bolo estava muito grande! Fechou o forno e baixou a temperatura. Mas, passados alguns minutos foi novamente ver e estava pequeno; subiu novamente a temperatura. Limpou a banca, como tinha prometido à mãe e em breve o tempo tinha passado. Mas, para sua tristeza, quando tirou o bolo do forno, este não tinha crescido.

“Oh não!” gritou ela.

A mãe, que vinha a entrar, olhou para o bolo e disse:

“O que é que aconteceu?”

“Não sei, Mamã. O bolo não cresceu!”

“Puseste o fermento?” Ela confirmou com os olhos cheios de lágrimas. “Por acaso mexeste no forno?”

A Teresa disse que sim com a cabeça.

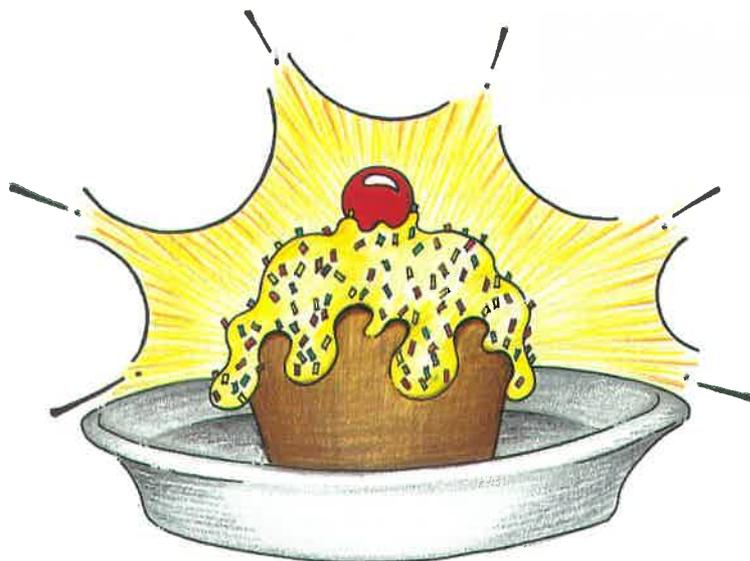
“Oh, Mamã, ainda há tempo para fazeres...”

Mas a mãe nem a deixou acabar:

“Tenho muita pena, filhinha, mas tu quiseste fazer o bolo sozinha e concordaste com as minhas condições. Esse é o bolo para o teu lanche!”

Embora a Teresa enfeitasse e recheasse bem o bolo, quando as amigas chegaram não o conseguiram comer. Estava tão duro! Que decepção! O lanche, que a Teresinha tinha imaginado que seria tão alegre, estava estragado!

“Mamã,” disse ela mais tarde, quando as amigas se foram embora, “tinhas razão. Eu devia ter feito o bolo contigo...!”



# Aprenda a Escrever na Areia

*(Lenda Oriental de Malba Taban)*

Dois amigos, Mussa e Nagib, viajavam pelas extensas estradas que circulam as tristes e sombrias montanhas da Pérsia. Ambos se faziam acompanhar dos seus ajudantes, servos e caravaneiros.

Chegaram, certa manhã, às margens de um grande rio barrento e impetuoso, em cujo seio a morte espreitava os mais afoitos e temerários.

Era preciso transpor a corrente ameaçadora.

Ao saltar, porém, de uma pedra, o jovem Mussa foi infeliz. Falseando-lhe o pé, precipitou-se no torvelinho das águas em revolta.

Teria ali perecido arrastado para o abismo, se não fosse Nagib.

Este, sem um instante de hesitação, atirou-se à correnteza e, lutando furiosamente, conseguiu trazer a salvo o companheiro de jornada.

Que fez Mussa?

Chamou, no mesmo instante, os seus mais hábeis servos e ordenou-lhes que gravassem na face mais lisa de uma grande pedra, que perto se erguia, esta legenda admirável:

“Viandante! Neste lugar, durante uma jornada, Nagib salvou, heroicamente, o seu amigo Mussa”.

Isto feito, prosseguiram com as suas caravanas, pelos intérminos caminhos de Allah.

Alguns meses depois, de regresso à terra, novamente se viram forçados a atravessar o mesmo rio, naquele mesmo lugar, perigoso e trágico.

E, como se sentissem fatigados, resolveram repousar algumas horas à sombra acolhedora do lajedo que ostentava bem alto, a honrosa inscrição.

Sentados, pois, na areia clara, puseram-se a conversar.

Eis que, por motivo fútil, surge de repente, grave desavença entre os dois companheiros.

Discordam. Discutem: Nagib, exaltado, num ímpeto de cólera, esbofeteou, brutalmente, o amigo.

Que fez Mussa?

Que farias tu, em seu lugar?

Mussa não respondeu à ofensa. Ergueu-se e, tomando tranquilo o seu bastão, escreveu na areia clara, ao pé do negro rochedo:

“Viandante! Neste lugar, durante uma jornada, Nagib, por motivo fútil, injuriou gravemente o seu amigo Mussa”.

Surpreendido com o estranho proceder, um dos ajudantes de Mussa observou respeitoso:

“Senhor. Da primeira vez, para exaltar a abnegação de Nagib, mandaste gravar, para sempre, na pedra, o feito heróico. E agora, que ele acaba de te ofender tão gravemente, limitas-te a escrever na areia incerta, o acto de cobardia! A primeira legenda, ó xeque, ficará para sempre. Todos os que transitarem por este sítio, dela terão notícia. Esta outra, porém, riscada no tapete de areia, antes do cair da tarde terá desaparecido, como um traço de espumas entre as ondas buliçosas do mar.”

Respondeu Mussa:

“É que o benefício que recebi de Nagib permanecerá para sempre no meu coração. Mas a injúria... essa negra injúria ... escrevo-a na areia com um voto, para que, se depressa daqui se apagar e desaparecer, mais depressa ainda, desapareça e se apague da minha lembrança!” ■

# Bíblia sagrada

A Bíblia Sagrada em edição electrónica é um auxiliar fundamental, para todos os apaixonados por este livro

Nela poderá encontrar uma série de "ferramentas" que facilitarão e completarão o seu estudo, tais como :

Procura por palavras chave,  
45.000 referências cruzadas,  
1.500 anotações,  
Cronologias bíblicas,  
Genealogias bíblicas,  
Editor de texto,  
Dicionário bíblico,  
Textos favoritos,  
etc

Encomende já os seus livros na Sociedade Missionária ou directamente à:

**Publicadora Atlântico, S.A.**

Rua N.ª. S.ª da Piedade

Sabugo

2715 Almagem do Bispo

Tel.: (01) 962 62 00

Requisitos : Windows 95 ou Windows NT 3.51 ou superiores, 4 Mb de memória RAM (8 Mb aconselhados), placa gráfica 640 x 480 - 256 cores (800 x 600 - 16 K cores aconselhados), 10 Mb em disco, rato ou outro dispositivo compatível.

